

## Resenha

LISPECTOR, Clarice. *De amor e amizade: crônicas para jovens*. VASQUEZ, Pedro Karp (org.). Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

### CLARICE LISPECTOR E SUAS CRÔNICAS PARA JOVENS DE ESPÍRITO

Aline de Mello Sanfelici

(Doutoranda em Letras/Inglês e Literatura Correspondente, UFSC)

É indiscutível que Clarice Lispector trata-se de um dos mais importantes expoentes da literatura de língua portuguesa, sendo respeitada pela crítica e pela academia e adorada pelo público leitor. Como coloca Pedro Karp Vasquez na apresentação da coletânea *De amor e amizade: crônicas para jovens*, por ele organizada, mais de três décadas se passaram desde a morte de Clarice, em 1977, e o interesse por sua obra não resiste em aumentar – especialmente entre as novas gerações (LISPECTOR, 2010, p. 9).

À luz desse fato, a Rocco Jovens Leitores lançou dois volumes (*De amor e amizade e De escrita e vida*), ambos organizados por Vasquez, contendo crônicas de Clarice selecionadas especialmente para atrair e aproximar esse público juvenil dessa autora tão icônica. A proposta justifica-se, conforme coloca Vasquez, no interesse em proporcionar “uma experiência inspiradora para os jovens leitores que estão começando a descobrir os mistérios e os prazeres do amor e da amizade” (id., *ibid.*, pp. 11-2). Contudo, a obra também pode atrair o público mais maduro e familiarizado (e até mesmo saudoso) com a obra de Clarice – segundo Vasquez, a coletânea em questão pode trazer, para esses leitores

mais antigos, “um sopro de renovação e reflexão” (id., *ibid.*, p. 12) quanto aos temas tratados nas crônicas selecionadas. Assim, *De amor e amizade* destina-se não somente aos jovens de idade, mas também aos jovens de espírito.

O livro apresenta 43 textos curtos, ágeis e que abordam seus temas de sentimentos e relações com intimidade e graça, por meio do talento inestimável de Clarice em comunicar-se sem mistérios, com elegância e criatividade. A título de exemplo da qualidade da escrita da autora (e, portanto, da qualidade da seleção de crônicas feitas para a coletânea em debate), eis o que Clarice escreve em “Saudade”:

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida (id., *ibid.*, p. 141).

O trecho citado mostra claramente o linguajar acessível da autora, o seu conteúdo exposto de forma direta e clara e a sua habilidosa suavidade de aproximar sentimentos de elementos corriqueiros (no caso, ao fazer saudade ser comparada a fome). Além disso, o trecho mostra uma mensagem que carrega consigo um certo grau de intimidade, ao dizer respeito a qualquer leitor – afinal, o público jovem, alvo dessa obra, deve estar começando a ter experiências de sentir saudade e suas urgências, especialmente em se tratando de relações de amor e amizade. Desse modo, a crônica citada tem potencial para comunicar-se efetivamente com seu público jovem e assim ela certamente testemunha a favor de uma bela seleção feita por Pedro Karp Vasquez.

Outro exemplo a ser mencionado é a crônica “Sem Aviso”, na qual Clarice escreve o seguinte trecho:

Também não sabia no que dá mentir. Comecei a mentir por precaução, e ninguém me avisou do perigo de ser tão precavida; porque depois nunca mais a mentira descolou de mim. E tanto menti que comecei a mentir até a minha própria mentira. E isso – já atordoada eu sentia – isso era dizer a verdade. Até que decaí tanto que a mentira eu dizia crua, simples, curta: eu dizia a verdade bruta (id., ibid., pp. 67-8).

Nota-se, nesse trecho, que Clarice está próxima do leitor, ao falar de um assunto ordinário (a mentira) de forma tão sincera e direta. O exemplo também é interessante como uma espécie de apelo ao leitor, para que tenha cuidado com as mentiras em suas relações (de amor, de amizade...) – esse ponto torna-se particularmente interessante por se tratar de uma coletânea voltada (porém não restrita) a um público mais jovem.

No conjunto das crônicas selecionadas em *De amor e amizade* é possível encontrar “causos” sobre amizades ou amores tanto do tipo superficial quanto do tipo sincero e sem limites. Em “Liberdade”, por exemplo, Clarice escreve: “Com uma amiga chegamos a um tal ponto de simplicidade ou liberdade que às vezes eu telefono e ela responde: não estou com vontade de falar. Então eu digo até logo e vou fazer outra coisa” (id., ibid., p. 117). Há também histórias de amores e sua simplicidade, como em “O primeiro beijo,” ou então amores com desfechos imprevisíveis e inacreditáveis, como a história de Bob Douglas e Jane – cujo casamento desmorona por conta de um utensílio doméstico velho e termina envolvendo uma tentativa de reencontro e a legião estrangeira – em “Por causa de um bule de bico rachado”.

O livro também traz desabafos, como em “Um pedido,” que na verdade é uma súplica desesperada para que ninguém destrua sua vida por conta de bebidas alcoólicas – talvez didaticamente escolhido para integrar uma obra destinada a leitores jovens e supostamente facilmente influenciáveis –, ou em “O grito”, que discute o cansaço e amargura de quem escreve. Além disso, podem-se encontrar crônicas que fazem declarações a amigos queridos da autora, como por exemplo no belíssimo texto “As dores da sobrevivência: Sérgio Porto”, no qual Clarice lamenta o falecimento de seu amigo Sérgio, dizendo, logo nas primeiras frases do texto: “Não, não quero mais gostar de ninguém porque dói. Não suporto mais nenhuma morte de ninguém que me é caro. Meu mundo é feito de pessoas que são as minhas – e eu não posso perdê-las sem me perder” (id., *ibid.*, p. 93).

Com esses textos diversificados, *De amor e amizade* trata-se de uma coletânea fácil de ler, que toca em assuntos cotidianos de relacionamentos e sentimentos comuns, às vezes em narrativas sensacionais e outras vezes em descrições detalhadas de uma ocorrência extremamente banal e fácil de passar despercebida. Além disso, a coletânea foi bem elaborada, pois a seleção das mais de quatro dezenas de crônicas consegue garantir ao leitor – seja ele um velho visitante da obra clariceana ou alguém que está tendo contato com ela pela primeira vez – uma bela aproximação com a inteligência e o talento da autora, cujos escritos são tão admiráveis, criativos e suavemente acessíveis, por vezes divertidos e por outras emocionantes.

Que mistério tem Clarice?, perguntou uma vez Caetano Veloso. Creio que seu mistério reside, pelo menos parcialmente, em sua habilidade de ser unanimidade entre críticos, acadêmicos e leitores, em sua época e ainda nos dias de hoje, e em escrever de forma não apenas bela mas também íntima, paradoxalmente fazendo o público, lendo

Clarice, ler e explorar *a si mesmo*. Posto isso, acredito que uma obra como *De amor e amizade*, que almeja aproximar leitores jovens, ainda não familiarizados com Clarice Lispector, de parte de sua obra, é uma iniciativa absolutamente louvável. Por fim, a partir das crônicas especificamente incluídas na coletânea, pode-se também dizer que a iniciativa, além de louvável, é também muito bem conduzida e seu resultado, agradável e relevante.